

# Experimentação dos modos de existência de pessoas que vivem com HIV e AIDS (PVHA)

Vinícius Colussi Bastos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo investigar uma proposta de intervenção com educação em saúde, elaborada no contexto da disciplina de Biologia, em promover a experimentação com os modos de existência de pessoas que vivem com HIV e AIDS (PVHA). A coleta de dados se deu com a aplicação da proposta e a análise do material coletado ocorreu por meio de intercessores da filosofia da diferença e da “pedagogia dos monstros”, pautada no campo dos estudos culturais, em um processo afetivo e acontecimental. Evidenciou-se que os estudantes se sensibilizaram com os modos de existência das PVHA e por meio das discussões promovidas iniciaram um processo de desterritorialização da linguagem, minimizando o estigma social, abrindo caminhos para transvalorar a figura monstruosa do HIV. Diante disso, um modo de educação em saúde menor se estabeleceu nas relações, tornando o processo mais afetivo e menos impositivo.

**Palavras chave:** Estudos Culturais, Educação em Saúde, HIV/AIDS, Experimentação.

---

1 Doutor pelo Curso de Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Professor do Departamento de Biologia Geral da UEL. colussi.bastos@gmail.com

## Introdução

Aprendemos com a história da AIDS no Brasil e no mundo que o estigma social foi construído por discursos que produzem condutas moralizantes da sexualidade e da saúde a fim de regular suas práticas, pautados numa lógica de pensamento monstruosa (COHEN, 2000) produtora de uma figura do HIV abominável que materializa na pessoa que vive com HIV e AIDS (PVHA) o mal a ser combatido e biológico-higienista (FURLANI, 2016), conservador e heteronormativo<sup>2</sup> que legitimam apenas as práticas sexuais entre um homem e uma mulher, na maioria das vezes com fins reprodutivos, concebendo a saúde como sinônimo de ausência de doenças, bem como associando/responsabilizando a epidemia a grupos de risco<sup>3</sup> marginalizados, como homossexuais, travestis e usuários de drogas.

Tais discursos são produtores de pedagogias culturais que marcam uma diferença identitária (LOPES, 2017) entre o permitido e o proibido, na qual o medo passa a ser peça chave do processo. O medo foi um recurso importante no começo da epidemia, pois não havia conhecimento suficiente para promover tratamento e prevenção com eficiência, servindo como uma resposta rápida a sociedade civil, ao produzir um impacto direto em seus modos de existência frente às práticas sexuais. Entretanto, esse medo é uma biopolítica que leva ao aprisionamento da potência criativa e redução da alegria do viver, uma vez que “[...] a biopolítica, como Foucault a definiu, é gestão e controle da vida das populações, compatível com o que Deleuze chamou de ‘sociedade de controle’, tendo por limite inferior o rebaixamento biologizante da existência (vida nua)” (PELBART, 2016, p.14). Além do que, o medo contribui para a criação de uma figura monstruosa em uma lógica que instaura diferenças culturais geradoras de figuras subordinadas e contraditórias, demarcando aquilo que as relações sociais definem como não desejável, perigoso, proibido, ou seja, “[...] as fronteiras que não podem – não devem – ser cruzadas” (COHEN, 2000, p. 43).

---

2 Padrões normativos pautados nos modos de vida heterossexuais, compreendidos como aqueles nos quais o desejo sexual está direcionado para o sexo oposto, em uma lógica restrita de gênero homem e mulher.

3 Termo usado no início da epidemia para marcar grupos identitários que eram considerados com maior risco de infecção do HIV, independente de suas práticas sexuais serem de maior vulnerabilidade ou não, como por exemplo: gays, pessoas transexuais e travestis, prostitutas, usuários de drogas ilícitas.

Sabemos que nos tempos atuais o medo associado ao HIV ainda se faz presente nas relações sociais, mas não faz sentido continuar investindo nele como estratégia de prevenção, pois contribui com o fortalecimento do estigma do HIV e da AIDS, que além de provocar efeitos na gestão de saúde coletiva, afastando as pessoas dos sistemas de testagem, ou por acharem que não se enquadram nos ditos grupos de risco, ou por medo do possível resultado positivo, por exemplo, reduz a vontade de potência das PVHA, entendida com o pensamento nietzschiano como pulsão, desejo de vida, uma “[...] atividade criadora e como tal é alguma coisa que quer expandir sua força, crescer, gerar mais vida.” (DIAS, 2011, p.34). Investir em uma estratégia que reduz a vontade de potência das PVHA é como aprisionar suas vidas em uma sentença de morte, algo contraditório com as possibilidades tecnológicas atuais para prevenção e tratamento (BASTOS, 2018).

Diante disso, passo a questionar: o que pode um professor de Biologia diante a epidemia do HIV e AIDS? Como trabalhar questões atuais da epidemia sem recorrer ao discurso biomédico como primeira instância? Como contribuir para minimizar o estigma social associado ao HIV? Que experimentações são possíveis?

Acredito ser pertinente investir nessas questões a fim de investigar a hipótese de que seja possível efetivar nos espaços escolares abordagens de educação em saúde que promovam experimentações capazes de transvalorar o estigma do HIV e transgredir modos de vivenciar a sexualidade e suas práticas, tornando o processo mais afetivo e menos impositivo. Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar a potencialidade de uma proposta de intervenção com educação em saúde promover a experimentação com os modos de existência de pessoas que vivem com HIV e AIDS (PVHA).

## Método

Neste trabalho analiso uma proposta com educação em saúde no contexto do ensino de Biologia na Educação Básica, com o intuito de minimizar o estigma social do HIV e AIDS, pensar no impacto das tecnologias de prevenção atuais, bem como transvalorar a imagem da pessoa que vive com HIV e AIDS (PVHA), por meio da experimentação, tendo a experiência como aquilo “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p.21), um processo de afetação que exige a ativação da sensibilidade às diferenças que atravessam nossa existência, uma abertura ao outro. Com isso, experimentação é compreendida como a ação de viver ou praticar a experiência.

A proposta de experimentação aqui investigada foi pensada para duas horas aulas, no contexto do ensino de Biologia, na primeira série no Ensino Médio, e possui quatro momentos:

- Primeiro momento: situação problema a fim de sensibilizar a atenção dos alunos a temática do HIV e AIDS, bem como identificar seu imaginário/figurações acerca da epidemia, com as seguintes questões: você se relacionaria com alguém que tem HIV? O que você sabe a respeito do HIV e da AIDS?
- Segundo momento: leitura e discussão em grupos da postagem “Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV e AIDS” do blog “Diário de um Jovem Soropositivo”
- Terceiro momento: experimentação dos comentários de PVHA registrados nessa postagem em questão, que caracterizam movimentos distintos nos modos como vivem com o HIV
- Quarto momento: abertura para o compartilhamento das sensações produzidas, bem como para discussão das dúvidas conceituais.

A coleta de dados ocorreu com o desenvolvimento por mim da proposta de experimentação, junto a estudantes da primeira série do Ensino Médio regular de uma escola Estadual do município de Londrina/PR. Na ocasião, o registro das ações desenvolvidas se deu pela gravação de áudio com dois aparelhos celulares em pontos distintos da sala de aula, que posteriormente foram transcritos e por meio do meu olhar atento as reações/relações dos estudantes com produção de uma memória da aula logo após a mesma.

Meu olhar analítico caminhou junto com a pedagogia dos monstros de Jeffrey J. Cohen (2000) e intercessores da filosofia da diferença, pensada com Gilles Deleuze, que priorizam movimentações acontecimentais do ato de pensar. Um “Empirismo transcendental”, como diria Deleuze, que privilegia as virtualidades dos acontecimentos que compõem um plano de imanência, um plano que constituem aos acontecimentos suas realidades próprias (DELEUZE, 2016b).

Com isso busquei durante a análise da aula evidenciar relações exercidas nesse espaço, mais focados nos efeitos e produtividades, nos fluxos circulantes, que propriamente na caracterização de quem são as máquinas que as produzem. Não procurei traçar uma ontologia dos sujeitos participantes, mas analisar a singularidade e a multiplicidade de suas experimentações, enviesado por sensações, não havendo assim nenhuma possibilidade de imparcialidade nessa produção.

## Análise da aplicação da proposta de experimentação

O desenvolvimento da proposta de experimentação foi efetivado por mim, professor e pesquisador. Ocorreu junto a 35 estudantes de uma turma da primeira série do Ensino Médio regular de uma escola Estadual do município de Londrina/PR, com faixa etária entre 14 a 16 anos, sendo um público diverso com relação às dimensões de gênero, sexualidade, classe e raça, durante duas horas aulas seguidas (geminadas).

Para a realização do primeiro momento, organizei os alunos em roda e lancei as questões previstas: você se relacionaria com alguém que tem HIV? O que você sabe a respeito do HIV e da AIDS?

De imediato houve um silêncio acompanhado de olhares singulares que se cruzavam ou buscavam um ponto de conforto aparentemente focar no pensamento. Respeitei aquele momento, visto que senti que assim era produtivo. Avaliei que foi um convite ao pensamento, o silêncio não representava o nada, o vazio, mas sim um turbilhão de possíveis pensamentos que buscavam em seus universos referenciais conhecimentos, emoções e experiências que pudessem embasar a construção de uma resposta.

Passados quase um minuto, perguntei a turma: quem gostaria de compartilhar o que está pensando? Imediatamente alguns estudantes começaram a falar simultaneamente, tive que interromper para organizar uma sequência de fala e que procedeu da seguinte maneira:

- Bianca<sup>4</sup>: “Eu não sei se me relacionaria com a pessoa se soubesse do HIV, por mais que eu saiba que é errada minha atitude eu acho que não consigo. Eu teria medo de me contaminar, não ficaria à vontade para me envolver. O que sei é que o HIV e a AIDS não têm cura, acho que a pessoa pode morrer e não teve ser fácil”.
- Amanda: “Eu também penso igual a Bianca. Sei que se usar camisinha não pega o HIV, mas ainda há o risco né, vai que em alguma vez acontece algo errado, Deus me livre!!”.
- Pedro: “Sem contar que a mina deve ser bem rodada... nessas o cuidado tem que ser maior” (risos).

Com base nessa conversa inicial pude perceber que os estudantes produziam a imagem de uma figura do HIV monstruosa, em que as noções de risco, sensações de medo e preocupação em criar estratégias para se defender do inimigo a ser combatido eram frequentes. Como Cohen (2000) nos

---

4 Nomes fictícios para preservar a identidade dos alunos.

ajuda a pensar, notamos nessa conversa a demarcação de fronteiras que não devem ser cruzadas, por meio da materialização do outro, aquele que eu não sou. Um modo de produzir um imaginário identitário como uma reivindicação essencialista para dar sentido as práticas e relações sociais, bem como diferenciar o normal do anormal, quem é incluído e excluído (WOODWARD, 2012, p. 14).

Penso ser importante notar também a manifestação de uma relação saúde e doença na qual viver com saúde é sinônimo de ausência de doença (GAZZINELLI, 2006), que juntamente com os demais marcadores simbólicos contribuem para a construção de uma figuração monstruosa do HIV e de quem vive com o vírus.

Decorrido 20 minutos, iniciei o segundo momento com a organização da turma em grupos menores e indicando a eles que no texto “Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV e AIDS” do *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo” iriam ler um diálogo de uma pessoa que vive com HIV com seu médico e que prestassem a atenção também nas explicações biológicas, anotando dúvidas. Minha intenção foi que a leitura do texto provocasse experimentações que levassem ao pensamento dessas inquietações e quiçá a criação de modos outros de compreendê-las, logo se eu respondesse qualquer uma das dúvidas meu discurso encerraria as possibilidades de experimentação, uma vez que este é considerado de autoridade e verdade pelos estudantes. Em outras palavras, provoquei uma necessidade e um conflito cognitivo com os questionamentos abrindo caminhos para o pensamento e atos de criação, pois nesses atos “É preciso haver uma necessidade [...], caso contrário nada há. Um criador não é um padre que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que ele tem absolutamente necessidade” (DELEUZE, 2016a, p.333).

Pude perceber que ao longo da leitura da postagem do *blog* os estudantes foram manifestando expressões e pequenos comentários que indicavam curiosidade, bem como surpresa, espanto e até mesmo a relutância em concordar com algumas das informações presentes no texto, o que me pareceu produtivo, considerando que criar é o oposto de reproduzir (DELEUZE, 2016a), logo é preciso pensar e questionar-se quando um novo universo referencial é experimentado.

Esse segundo momento de leitura e discussão do texto entre os estudantes nos pequenos grupos durou 30 minutos e novamente apenas observei sem realizar intervenções quando ao conteúdo que estava sendo experimentado. Logo em seguida, dei início ao terceiro momento, reorganizei os estudantes em uma grande roda, entreguei a eles fichas com comentários

de PVHA registrados ao longo da postagem que haviam lido, sendo um total de 12 comentários selecionados previamente por mim e solicitei que cada um que recebeu a ficha lesse em voz alta para a turma.

Ao longo das leituras, mais uma vez percebo olhares atentos, silêncio em respeito ao colega que estava lendo, seguido de atenção, alguns anotaram algo, alguns poucos burburinhos que não conseguia compreender exatamente, mas aparentemente se tratavam de aspectos na leitura. Mais uma vez, não realizei intervenções discutindo os conteúdos lidos, apenas proporcionei a experimentação com os mesmos, que durou cerca de 15 minutos, restando 35 minutos para o desenvolvimento das discussões com o quarto momento.

Após essa leitura retomei as questões iniciais e solicitei aos estudantes que compartilhassem suas sensações, pensamentos e dúvidas, dando início a seguinte conversa:

- Luana: “Professor, ainda tô chocada que a pessoa que faz tratamento fica indetectável e não transmite o vírus. Por que a gente não houve falar disso?”.
- Bianca: “Eu também não sabia, acho que ninguém aqui né?! Sabendo disso eu acho que me sentiria mais tranquila em me relacionar com alguém indetectável... claro, não só por isso, mas deixaria o amor que sinto pela pessoa prevalecer”.
- Lucas: “Eu ainda tenho dúvidas, acho que ficaria preocupado se esse monte de remédio não estaria fazendo mal para minha parceira”.
- Fernanda: “Eu me relacionaria sim. Hoje em dia é tão difícil encontrar alguém legal que valha a pena, se por acaso eu me apaixonar por alguém que tem HIV, acho que eu não teria problemas por isso”.
- Tiago: “Professor, como que os remédios agem no corpo para a pessoa ficar indetectável? Ela fica curada?”.
- Amanda: “Ah, mas tem acompanhamento médico, como esse do texto. Melhor viver assim do que desenvolver AIDS”.
- Felipe: “Sim e como eu comentei no começo, o pessoal que tá no YouTube diz que vive bem, que hoje em dia os efeitos colaterais são menores ou quase não tem”.
- Lara: “É, nos relatos dá para perceber que as pessoas estão conseguindo viver bem, mas isso não quer dizer que seja fácil”.

Com esses comentários, notei que os estudantes começaram a perceber que viver com HIV era algo muito diferente do que eles imaginavam previamente. Uma das informações que gerou mais curiosidade e dúvidas biológicas foi a situação de que uma PVHA em tratamento ao atingir a

sorologia indetectável não transmite o vírus por meio de relações sexuais. Assim como essa informação é relevante para as campanhas de saúde e para os modos de existir com o vírus, foi para os estudantes minimizarem seu preconceito e medo de se relacionar sexualmente com uma PVHA. Procurei alertar neste momento que a responsabilidade pela prevenção às IST é de todos os envolvidos na prática sexual e que independente da sorologia dos parceiros sexuais há tecnologias adequadas de prevenção disponíveis.

Notei que além dos estudantes usarem as informações biomédicas e tecnologias de tratamento abordadas no texto para manifestar seus pensamentos, manifestavam uma linguagem menos violenta ao se referirem as PVHA, evitando termos como aidético, doença e contaminação, indicando o início de um processo de desterritorialização da linguagem (GALLO, 2013).

importantíssimo ressaltar que não houve o uso de imagens de genitais deformados por infecções sexualmente transmissíveis, nem de pessoas em estágio avançado da AIDS, ou qualquer tipo de discurso que invista no rebaixamento da vida e sua despotencialização do modo como as biopolíticas assim fazem (PELBART, 2016). Pelo contrário, por meio dos relatos com modos de existências das PVHA, os estudantes mostraram-se sensibilizados e com uma percepção outra a respeito do que é viver com HIV, sem banalizar essa existência ou ainda incentivar o sexo sem preservativo, como muitos críticos que defendem as pedagogias do medo argumentam.

Destaco ainda que durante a leitura do texto e contato com os relatos de experiência nada era reproduzido, imposto ou representado, mas sim experimentado, vivido, em movimento empático de afetação. Com isso o conhecimento científico foi retirado de sua condição hegemônica na sala de aula e passou a ser gerado pela vida, pelos modos de (re)existir com HIV.

Diante esses resultados, percebi que as discussões desenvolvidas durante as aulas foram capazes de sensibilizar os estudantes e transvalorar seus pensamentos ancorados em uma figuração monstruosa do HIV produtora de estigma social. Certamente isso se trata de um processo de aprendizagem e mudança de opinião que irá reverberar de maneira mais lenta que o período de duas horas aulas, podendo inclusive, ou não, os alunos que ainda manifestavam opiniões negativas virem a construir pensamentos mais empáticos e acolhedores.

## Considerações finais

Sinto que com a turma na qual essas aulas com os quatro momentos de experimentação ocorreram os mesmos foram produtivos e capazes de

promover a transvalorização da figura monstruosa do HIV, bem como reinventar os modos como esses estudantes percebem as pessoas que vivem com HIV e AIDS, seja pelo convite de pensar algo novo, pelo incômodo de questionar-se, ou mesmo pela relação com um novo universo referencial e modos de ver a epidemia.

Assim, o objetivo de analisar a potencialidade de uma proposta de intervenção com educação em saúde promover a experimentação com na temática do HIV e AIDS, foi alcançado, uma vez que evidenciou-se que os quatro momentos que organizaram a aula abriram caminhos afetivos para a criação de sensações, modos de pensar e repensar a epidemia e os modos de vida das pessoas que vivem com HIV e AIDS. Reconheço ainda que um processo de educação em saúde menor aconteceu por meio das relações estabelecidas, uma vez que se iniciou a desterritorialização da língua, a ramificação política e seu valor coletivo.

## Referências

BASTOS, Vinícius Colussi. **Existências PositHIVas**: um *blog* como (não)lugar e modos outros de [r(e)]existir com HIV. 2018. 124 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. 2018.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome. *Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras* / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva --- Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DELEUZE, Gilles. O que é o ato de criação? In.: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016a.

\_\_\_\_\_. A imanência: uma vida. In.: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016b.

DIAS, Rosa. Nietzsche, vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. 1.ed. Autência. 2016.

GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3ed., 2013.

GAZZINELLI, Maria Flávia. Processo saúde-doença: a leitura de Gadamer. 2006. In.: GAZZINELLI, Maria Flávia; REIS, Dener Carlos dos, MARQUES, Rita de Cássia (Org.). **Educação em saúde:** teoria, método e imaginação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p.20-29, jan/fev/mar/abr. 2002.

LOPES, Maura Corcini. Diferença, transgressão e limites identitários. In: **Educação em um mundo em tensão:** insurgências, transgressões, sujeições. SARAIVA, Karla;

GUIZZO, Bianca Salazar (Org.). Canoas: Editora Ulbra, 2017, p.195-204.

PELBART, Peter Pál. O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento. 2.ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

SOROPOSITIVO, Jovem. Diário de um Jovem Soropositivo. Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV. 2014. Disponível em: <<https://jovensoropositivo.com/2014/11/13/esqueca-tudo-o-que-voce-sabe/>>. Acessado em 30 de out. de 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 12 ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.